



AVANÇO

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O aumento nos Caminhos de Ferro

É de todos nós conhecida a influência do custo do transporte na Economia Nacional e particularmente na economia agrícola.

Os pequenos e médios agricultores não têm ao seu alcance senão o carro de bois para as pequenas distâncias e o caminho de ferro que lhe transporta os seus produtos para os grandes centros. Quando os transportes forem aumentados, nas feiras e mercados imediatos, os negociantes aparecerão a oferecer menos dinheiro pelo feijão, milho, arroz, etc., e o agricultor forçado por arranjar dinheiro para futuros amanhos e outras despesas agrícolas é obrigado a vender por preços de ruína os seus produtos.

Salazar, para encobrir os roubos e desfalques feitos nas grandes companhias, acaba de obrigar a Assembleia Nacional a aprovar a aplicação de mais um aumento de 10% sobre o transporte em caminho de ferro. Esse aumento, disse o deputado Dr. Diniz da Foz seca, «equivale, praticamente, à aplicação dum imposto de algumas dezenas de milhar de contos, que viria a ser suportado, sobretudo, pela pequena agricultura e pelas classes menos favorecidas».

Parceira estranho que haja uma voz discordante do roubo e o declare aos vendidos e traidores do povo, que abusivamente dizem representar. É que essa voz representa as empresas de camionagem, cujos interesses têm de ser fatalmente opostos aos dos caminhos de ferro.

Quasi todos os deputados que defenderam a proposta de lei, declararam que a sua atitude não lhes fora incumbida por qualquer companhia. A ordem para defenderem mais este assalto à Economia Nacional foi-lhes dada pelo governo, de que faz parte, como ministro das Obras Públicas, o ex-direcção da Companhia da Beira Alta, engenheiro Abranches. Esta Companhia está quasi totalmente nas mãos do capital espanhol. Pelas suas linhas têm recebido os Insurrectos grande quantidade de material de guerra, gasolina, carvão, etc., sem pagar um centavo pelo seu transporte. Os fretes com material de guerra para Espanha, fazem-nos todas as companhias gratuitamente, porque do governo receberam a promessa de que lhes permitiria lançar mais esta taxa sobre o tráfego.

O capital destas companhias está na sua maior parte nas mãos de estrangeiros. Salazar sacrifica o povo português à ganância do capital estrangeiro e à intervenção em Espanha.

PORTUGAL NÃO QUERE SER UMA COLÓNIA DE HITLER!

A situação de Portugal, como nação independente, é cada vez mais precária. Os milhares de contos que o Ferro gasta, pagando artigos em jornais estrangeiros, de propaganda do fascismo português, as passeatas e banquetes oferecidos à custa da nação, já não chegam para encobrir a perda da independência nacional, que se vai acentuando de dia para dia.

A maior parte das notícias que aparecem na imprensa estrangeira a propósito de Portugal, não fazem mais do que acentuar essa situação. E não são só os jornais das esquerdas a registar o facto. As direitas afirmam-no constantemente, e ainda há poucos dias, o deputado conservador francês, Henrique Kerills, director do jornal das direitas, «L'Époque», afirmava no dia 18 de Fevereiro, no seu jornal, que se a França não tomasse uma atitude enérgica para com a Alemanha, não continuando a consentir que Hitler se instalasse nas capitais dos pequenos países, dentro em pouco a França não será mais do que um pobre Portugalzinho, no cabo duma Europa prussiana. Os traidores portugueses, os falsos patriotas indignaram-se contra o artigo, e — onde chega a falta de pudor, de vergonha e de honestidade! — no mesmo jornal e no mesmo dia em que publicava esse falso protesto, vinha a notícia da aterragem, no Alentejo, dum avião de Hitler, dos que ele mantém em Espanha a bombardear o povo espanhol, e outra notícia, de ter sido condecorado, pelo governo alemão, como paga dos serviços prestados, o Ministro da Educação Nacional!

O «putch» que Hitler acaba de realizar sobre a Áustria, na espectacular conferência de 12 de Fevereiro, vem-o realizando sobre Portugal há já bastante tempo. E a Itália, que tem deixado as mãos livres à Alemanha, nas questões portuguesas, começa a aparecer a seu lado, depois da aproximação de Chamberlain de Mussolini.

Portugal, que Salazar transformou num anexo do eixo Berlim-Roma, pôs todas as suas reservas e situações territoriais ao serviço dos dois ditadores associados. Assim, depois de ter entregado Angola aos alemães, de lhes ter entregado uma ilha do Arquipélago de Bijagós, para aí instalarem uma base de hidro-aviões, instala agora no Arquipélago de Cabo Verde, na ilha do Sal, uma base aérea italiana.

A «Legião Portuguesa» é uma organização orientada e dirigida por nazis alemães. Os seus dirigentes vão à Alemanha receber instrução, e inspectores alemães vêm a Portugal fiscalizá-la. A Mocidade Portuguesa é, também, de modelo alemão. São alemães os vestuários, a orgânica, e até os espectáculos e saudações. Os dirigentes como os da Legião, receberam instruções alemãs e agora acabam de chegar a Portugal, os dirigentes da «Juventude Alemã» em viagem de inspecção.

Os nacionalistas portugueses, traidores e anti-patriotas, que ornamentam as suas casas com bandeiras italianas e alemãs, são hoje o que sempre foram. É deles o celebre grito: «Antes Afonso XIII do que Afonso Costa!» Hoje gritam: «Viva Franco, Hitler e Mussolini!»

Mas não está tudo perdido em Portugal, não se deixa nem se deixará jamais corromper pela lepra da traição. É preciso que os traidores nacionalistas atendam que nunca, o povo português, consentirá em deixar Portugal transformar-se numa colónia alemã ou italiana. O povo que salvou a independência em Aljubarrota, que expulsou os imperialistas espanhóis em 1640, o mesmo povo de hoje, que no momento próprio escorraçará os traidores entregando Portugal aos portugueses.

Que o exemplo austríaco sirva de tema aos fascistas portugueses. Na Áustria é o povo, todo o povo que tem sido perseguido, vexado e humilhado, o povo que viu os seus melhores filhos trucidados pela repressão feroz de Delfuss de há 4 anos, tendo os que não morreram na luta morrido na força, é esse mesmo povo que se levanta agora, como um só homem, na luta pela independência do seu país.

As agências fascistas, desesperadas com a reacção com que não tinham contado, acensaram os comunistas de seus organizadores. Eles já sabem, os fascistas, que nos países coloniais, semi-coloniais ou que eles tentam colonizar, que são os comunistas que formam a vanguarda da independência nacional, que são eles que chamam à luta todos os verdadeiros patriotas, na formação das Frentes Populares, instrumentos indispensáveis para a libertação.

O momento histórico português, é bastante semelhante ao austríaco. É preciso que em Portugal todo o povo se una em redor da Frente Popular, que o levará à conquista da sua independência, escorraçando os vendilhões e os traidores!

O FASCISMO em ANGOLA

O perigo que ameaça Angola, é tão real e grave, que os mais diferentes sectores da opinião pública o sentiram e divulgaram. Ora esse perigo foi sentido mais do que em parte nenhuma, na própria província, onde a população tem reagido de todas as formas possíveis.

As eleições para as Juntas de Freguesia, em que não foi votada em Loanda nenhuma das listas apresentadas pelo fascismo português, ganhando a oposição todas as Juntas de Freguesia, é uma prova clara do ódio que em Angola se vota àquelles que a estão vendendo.

Dum manifesto que foi muito divulgado em toda a província, transcrevemos alguns períodos:

«Angola está em perigo e a vida dos vossos filhas está ameaçada da morte mais afrontosa, que já-mais um povo conheceu: A FOME!»

«Sim, a fome vos bate à porta trazida pela administração criminosa do vosso governo do Terreiro do Paço. Um governo traçoiro, impiedoso e cruel!»

«TRAIÇOIRO, por que sem dignidade nem moralidade, vem atirando para as mãos de extranhos o nosso Património Colonial!»

«IMPIEDOSO, por que, a despeito de representações e lamentações de toda a ordem, vem fechando a entrada dos nossos produtos, considerando-os exóticos e preferindo os de extranhos aos nossos, porque Angola lhe não dá benefícios, lhe não dá luyas. E, enquanto que para se justificar a falta de consumo para o trigo de Angola, se diz que a Metrópole produz em excessiva quantidade — o trigo é para ali importado, de outros países, às oito mil toneladas, por cada vez!»

«CRUEL, por que nos impõe a indústria portuguesa, com uma protecção escandalosa nas pautas aduaneiras e nos dificulta a saída dos géneros coloniais, para os mercados estrangeiros além de uma não menos escandalosa protecção a determinados organismos magestáticos!»

«Esse governo que, numa ancia criminosamente desordenada de adquirir receitas, manda os seus delegados de cá, que cobrem impostos e contribuições, por qualquer meio! E esse meio qualquer importa, já que a Pecúria entre o indígena deixa de existir, porque ele foi forçado a vender, desde o primeiro boi, até à última galinha!»

«Esse qualquer meio originou que o indígena transite em verdadeiro estado de nudez, por não ter recursos para cobrir a pele, com um simples pano!...»



Carreiras Aéreas

O «Diário de Notícias» publica o seguinte telegrama:

«Roma 23.—A Companhia de Navegação «Ala Litoria» solicitou do Governo Português autorização para o estabelecimento duma Carreira regular entre Roma e Lisboa.»

Uma das bases da nova carreira será Cadiz, que fica em território da Espanha Nacionalista, que Portugal ainda não reconheceu. Eis um motivo para não ser autorizada a tal carreira.

Por outro lado, uma missão aeronáutica italiana anda a proceder, na Ilha do Sal, Cabo Verde, ao estudo para o estabelecimento duma base, que será utilizada como ponto de escala na travessia do Atlântico, pelos aviões da mesma carreira.

Como sabemos que os estados maiores, alemão e italiano estudaram há muito a transformação das bases aéreas comerciais em bases de guerra, protestamos contra o facto em nome da defesa nacional.

Queremos ligações rápidas com as nossas colónias, mas não queremos que elas sejam feitas por países que cubiçam o Ultramar Português!

A propaganda do Ferro

O sr Henri Kerilis, director do jornal francês Epoca, um dos elementos mais conservadores da Câmara dos Deputados do seu País, num artigo que consagra no seu jornal à defesa nacional, afirma que a França tem que responder com energia às ameaças da Alemanha, se não quiser ficar reduzida a um Portugalzinho.

Apesar do dinheiro que tem gasto, pagando os elogios espantosos e os silêncios cúmplices para os seus erros e crimes aos jornais nacionais e estrangeiros, Salazar é, tanto aqui como além fronteiras, o traidor que vendeu o seu País à Alemanha.

Só numa coisa Henri Kerilis erra: é na suposição de que o povo português se resignou à perda da sua independência.

Esperamos que em breve Kerilis fale dum Portugalzinho, não com desdém, mas com o carinho merecido por um pequeno e heróico país que alcançou a sua liberdade.

Foram distribuídos os prémios literários do Secretariado da Propaganda Nacional.

Não foi distribuído o prémio do romance, porque os dois concorrentes não fizeram obra de gosto, apesar do jurí não ser muito exigente.

Em Portugal não abundam romancistas de valor e os que existem—Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, etc.—não são pessoas da simpatia do Ferro.

Um francês, amigo do Ferro, chamado Victor de La Floreie, realizou, na Faculdade de Medicina, perante meia dúzia de pequenos da Mocidade Portuguesa, uma conferência intitulada: «Salazar—Arbitro da paz».

E vai à Alemanha uma missão aeronáutica portuguesa para proceder à recepção de 10 bimoteres de bombardeamento que ali foram comprados pelo nosso governo...

Fora o arbitro!

ASSASSINOS! Mais duas mortes nas bastilhas salazaristas

Em Julho de 1936, prenderam o jovem arsenalista Rui Ricardo da Silva que foi bárbaramente espancado. ESTIVERAM A BATER LHE DAS 9 HORAS DA NOITE AS 5 DA MADRUGADA! Armados de réguas e de cavalos marinhos, os agentes **Paula, Antero, Francisco Dias, José Diogo, Mário e Gomes**, só largaram quando, ensangüentado, se convenceram que ele não diria o quarto onde morava. Quando morreu, no dia 10 de Fevereiro último, ainda tinha nas costas as cicatrizes das feridas. Deportaram-no para a fortaleza de Peniche e depois para Angra. As turturas da polícia, junto à fome e à falta de tratamento acabaram por o tuberculizar e matar. Quando o viram perdido, autorizaram o seu regresso à metrópole, mas pagando a família o seu transporte. Chegou a Lisboa no dia 7 de Fevereiro, dando entrada na enfermaria do Aljube. No dia 10 morria. A polícia, para esconder que ele morreria no Aljube, meteu o cadáver num automóvel e levou-o para o hospital, declarando que ele morreu no caminho. **Ricardo da Silva** foi morto nas mesmas circunstâncias de **Mano Fernandes**. Tuberculoso e com uma lesão cardíaca, o médico não fazia caso dele. Como a doença o fazia inchar, o médico tratava-o (?) de albumina.

Foi assim que mataram Rui Ricardo da Silva, e continuam a matar as centenas de doentes que agonizam nas masmorras salazaristas, se o povo português, todas as pessoas com sentimentos humanos se não opuserem com energia!

Do Tarrafal chega-nos a notícia, de que **mataram pelo mesmo processo, no Campo de Concentração, o preso Francisco do Nascimento Esteves**. E a lista negra continua.

E o que se passa na rua da Leva da Morte, na sede da Polícia de Informações?

Há vários presos, incommunicáveis há meses, de quem ninguém sabe. Já teriam sido assassinados?

O professor do liceu Passos Manuel, **Dr. Alberto Araújo**, foi preso nos princípios de Dezembro. É um intelectual notável, cujas qualidades de inteligência e de trabalho o impuseram sempre entre os colegas e pessoas que o conheciam. É um doente, tuberculoso. Apesar disso tem sido bárbaramente torturado. **Consta até que já o assassinaram!**

Intelectuais, advogados, professores do liceu: se não fazeis da vossa parte, com que não seja assassinado o Dr. Alberto de Araújo, assumis uma grave responsabilidade!

E os outros presos? **O que fizeram a Francisco Paula de Oliveira, Augusto Valdez, Francisco Miguel Duarte? Já os feriam assassinados?**

Povo português, anti-fascistas: exige que levantem a incomunicabilidade a todos os presos!

Denunciam por toda a parte, a forma como são tratados os presos políticos!

Escrevam a Salazar exigindo a libertação dos presos!

Então?

Veio de visita à Mocidade Portuguesa o lugar-tenente do chefe da juventude alemã, sendo-lhe prestada uma calorosa recepção pelos chefes do Salazarismo.

O sr. Carneiro Pacheco quando instituiu a M. P. declarou que ele seria uma instituição caracteristicamente portuguesa, prosseguindo fins patrióticos.

Não percebemos, por isso, estas relações da Mocidade Portuguesa com os agrupamentos fascistas da Itália, Alemanha e território franquista...

Pois se o sr. Carneiro proibiu —pão é verdade?— que os nossos estudantes se filiassem com organizações internacionais?...

Amigos do Partido

Um inseparável	4800
Caixa (4 semanas)	6200
Reis	20800
Amigos de Passionária	6850
Um gajo de Coimbra	15800
Fosquinhas	4800
Primo Quim	20800
Gravat. rubra	20800
2 jornais	5800
Manecas	5800
Núcleo N.L.	50800
Bico	10800
P.B.X.	10800
Parafuso	10800
Litvinol	10800
Anónimo	10800
Justo	3800
T.O. L.	21800

Ecos da Política do espirito

A polícia apreendeu o livro «Maria Adelaide» (novela) que havia sido recentemente editado.

Cumprimentos o autor do livro, o antigo presidente da Republica, Sr. Teixeira Gomes, por mais esta consagração.

A censura teatral opõe-se a que o herói de certa comédia que foi no «Avenida», se suicidasse. Motivos desse procedimento? A peça passava-se em Portugal, na actualidade. Ora no paraíso do Estado Novo não há suicídios.

É certo que, HA' DIAS, UM SAPATEIRO DA CALÇADA DO COMBO POZ TERMO A EXISTÊNCIA, DEIXANDO ESCRITO QUE O FAZIA POR NÃO PODER PAGAR AS CONTRIBUIÇÕES. Mas... parece que esse recebeu dinheiro de Moscovo para praticar o irremediável gesto.

Listas de auxilio ao Partido

Transp. 1594800	Transp. 1758860
N.º 397. 19800	806. . . 27800
400. 20800	808. . . 50800
479. 44850	1081. . . 25300
481. 28800	1109. . . 5800
482. 10800	1302. . . 10850
759. 10850	1308. . . 30850
800. 10850	1310. . . 20800
803. 10800	1319. . . 65850
A trans. 1758860	A transp. 1922800

BANCA ROTA

Salazar decretou a redução do capital do Banco Nacional Ultramarino e a prisão dos depósitos do mesmo estabelecimento de crédito.

O ditador pretendeu desta forma que a falência do banco, já latente, se tornasse formal.

O decreto considera como causas da má situação do banco, a crise que se seguiu à guerra e a campanha de descrédito que pela mesma altura se moveu dos bancos.

Mas, vejamos se é sólida esta justificação: a crise, que se seguiu à guerra, atingiu o capitalismo em geral, não servindo para justificar um caso particular.

A campanha movida aos bancos foi motivada pela especulação desenfreada em que a maioria deles se meteu, acção criminosa que mereceu a indignação da opinião pública.

Mas, então, quais os motivos particulares da crise do Banco Nacional Ultramarino?

O decreto só o dá a entender, quando classifica o mesmo banco de intermediário entre as economias colonial e metropolitana. Foi exactamente porque as relações económicas entre a Metrópole e as colónias se tornaram difíceis e precárias, que o banco —que as fazia—se enfraqueceu e arruinou.

Foi por que se criou o problema das transferências, originando-se a disparidade monetária, que o próprio colono português preferiu negociar com o estrangeiro a fazê-lo com a Metrópole, que desvalorizava a moeda, em que o seu esforço é pago.

Foi por que se entregaram as colónias ao capital estrangeiro, que o banco emissor das colónias portuguesas falhou!

Enquanto a nossa acção civilizadora não tiver o seu justo termo, proclamemos sempre:

As colónias portuguesas aos portugueses!

Fado que foste Fado...

Há dias, num posto emissor, cantaram um fado viril, cheio de esperança na próxima libertação do povo.

Imediatamente a polícia assaltou a estação radiofónica onde o fado fora cantado, mas o cantor, felizmente, já se puzera a salvo.

O «Século», que narra o facto, informa que a polícia procedera assim, porque o fado que provocara a sua intervenção era totalmente desmoralizador, aconselhando à ociosidade e à revolta.

Na verdade o fado não aconselhava à ociosidade mas à revolta contra a ignóbil exploração dos que trabalham.

O «Século» comenta a notícia, dizendo que a polícia defende o prestígio do fado, pugnando pela sua moralização.

É falso! O que a polícia defende é aquele fado que um fascista ao microfone da Emissora Nacional chamou canção de vencidos.

Mas agora o fado é outro.

«Não entres na igreja, o cavaleiro...», etc.

Conhecem?

Por uma nova TIPOGRAFIA

A ofensiva fascista contra o nosso Partido é cada vez mais cerrada. O ódio do fascismo emprega todos os esforços para fazer calar a voz dos explorados, das vítimas do terror salazarista. E esse ódio concentra-se especialmente no «Avante!» que, sem interrupção, o desmascara semanalmente.

Mas o «Avante!», órgão dos trabalhadores, vivendo para eles, vive deles também. Sem o seu auxílio, informativo, de distribuição e económico, o «Avante!» não poderia viver.

Há camaradas, que compreendem bem o esforço que é necessário para publicar semanalmente o nosso jornal, e fazem da sua parte todos os esforços para o manter. Ainda agora acabámos de receber a seguinte notícia: numa grande empresa de Lisboa, os camaradas membros do Partido e simpatizantes descontentaram na semana passada meio dia de férias, com que se subscreveram nas «listas de auxílio» ao Partido. E um camarada dessa empresa, a quem informámos que de certos sectores onde se distribui o nosso jornal, nós não recebíamos 50% do produto da venda, comentou-nos admiradíssimo: O quê! Então há quem fique a dever o nosso jornal? Não pode ser! Se quando compramos qualquer jornal fascista, o temos que pagar imediatamente, porque não havemos de fazer o mesmo ao nosso? E depois, a falta de pagamento do nosso jornal, acarreta dificuldades enormes, não deixam do desenvolver a vida política do Partido. Receber e não pagar o jornal é fazer trabalho de sabotagem. Foi assim que nos falou este nosso camarada, e éte tem inteiramente razão. É necessário que ninguém deixe de pagar o «Avante!». Mas as necessidades do Partido cada vez são maiores, porque cada vez aumenta mais a repressão fascista.

Como informámos no n.º 69, a polícia assaltou-nos no mês de Janeiro uma tipografia.

É urgente montar imediatamente uma nova tipografia. Para isso fazemos daqui um apelo a todos os camaradas, para que intensifiquem a recolha de donativos, organizando por toda a parte grupos de Amigos do Partido.

A nova onda de repressão fascista, respondamos com um acerto firme junto da direcção do Partido, colaborando o mais estreitamente possível com ela.

Cumprindo com as palavras de ordem, combatendo e defendendo-se da provocação e terrorismo, colaborando activamente no jornal, ora mandando notícias e críticas, ora trabalhando para que ninguém deixe de o pagar e criando grupos de amigos, nós podemos enfrentar a ofensiva fascista, cumprindo com as nossas tarefas.

Para uma nova Tipografia, já recebemos o seguinte:

- Grupo Marin Caire . . . 90800
- Grupo Dolores Ibarruri. 120800
- Grupo Spender . . . 180800
- Majas N.º 2 . . . 60800
- Pételes . . . 23800
- Papanine . . . 100800
- A TRANSPORTAR . . . 575800

O TERRORISMO arma da contra-revolução e do fascismo

Existe em certos inimigos do fascismo, uma certa tendência para considerarem o terrorismo individual como uma tática de resultados positivos. É um erro profundo. O terrorismo individual não é só inteiramente inútil para o movimento anti-fascista, como até é altamente nocivo.

O terrorismo individual é inútil porque, em vez de lutar contra as raízes do mal, luta unicamente contra alguns dos seus rebentos.

Falemos concretamente: O terrorismo visa principalmente o apanhamento dos chefes políticos, dos tiranos, supondo assim acabar com certas formas de dominação das classes dirigentes. Mas a verdade é que essas formas de dominação de classe não são obra exclusiva dum tirano. Elas são determinadas, em primeiro lugar, pelas condições económicas existentes na sociedade e por uma série de outras causas.—Um indivíduo—um Mussolini, um Hitler, etc.—pode exercer uma acção importante sobre a situação política e social do seu tempo, mas a sua acção não é única nem decisiva. Mussolini tem exercido uma acção pessoal importante sobre o fascismo, mas o fascismo não é uma invenção de Mussolini, nem está obrigatoriamente ligado à vida de Mussolini. O fascismo é uma tabua de salvação a que o capitalismo se agarra para prolongar a sua existência. O fascismo pode ser evitado e pode ser derrubado se as massas trabalhadoras, aliadas à pequena burguesia liberal, a ele se opõem; mas o fascismo constitui a tendência para a qual se inclina cada vez mais o grande capitalismo de todos os países. O fascismo existe, por conseguinte, independentemente da vontade dos Hitlers, Mussolinis e Salazares. O fascismo é a ditadura do capital financeiro.

Não é, pois, o terror individual contra os caixeiros do capitalismo que é preciso organizar, mas sim a luta contra os alicerces do fascismo.

O terrorismo individual é, além disso, nocivo porque atasta os trabalhadores dos seus verdadeiros objectivos.

A propaganda do terrorismo individual desvia o proletariado dos métodos de organização e de luta das massas (do programa da Internacional Comunista)

O terror (como meio de ataque isolado, independentemente de todo o exército e bastando-se a si mesmo) é uma arma inoportuna, inoperante, desvia os soldados mais activos da sua tarefa verdadeira e mais importante para todo o movimento, desorganiza não as forças governamentais, mas as forças revolucionárias (Lenin — «Por onde começar»)

Da mesma maneira que a tática do putch, a tática do terrorismo cria nas massas a ilusão de que podem ser libertados pela acção de forças estranhas a si próprias; segundo a teoria do putch—pela acção dos oficiais e dos partidos; segundo a teoria dos terroristas—pela acção de indivíduos isolados. É preciso que as massas se convençam de que **a emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos próprios trabalhadores** e não obra de meia dúzia de heróis.

O terrorismo individual é, por fim, uma arma nas mãos do fascismo e da contra-revolução.

O fascismo aproveita-se da repugnância que o terrorismo provoca nas camadas da pequena burguesia, nos intelectuais, no exército, nos camponeses, nas mulheres, etc., para se servir de acções terroristas como pretexto para desencadear uma feroz repressão contra o movimento anti-fascista.

As acções terroristas servem de tal maneira ao fascismo como arma de ataque que este próprio organiza quando quer distrair as atenções do povo ou aplicar um desenfreado terror.

Há muitos exemplos na história da organização de falsos atentados terroristas praticados pelas próprias autoridades com vistas a aqueles fins. O fascismo alemão fez incendiar, por um dos seus lacaios—Van der Lubbe—de colaboração directa com o ministro do interior—Goering—o Palácio do Reichstag (Parlamento) para justificar uma repressão feroz do movimento anti-fascista.

Em Portugal, o fascismo organizou, em 4 de Julho do ano passado, um falso atentado contra Salazar, para distrair o descontentamento que se manifestava no país (contra a intervenção em Espanha, submissão à Alemanha, venda das colónias, corte de relações com a Tcheco-slováquia, provocações da Legião Portuguesa, etc.) e para inaugurar uma era de feroz terror, prisões em massa, assassinatos dos presos e restabelecimento da pena de morte.

O terrorismo tem servido, ultimamente, à polícia para organizar a provocação no seio do movimento anti-fascista.

Os provocadores, fazendo-se passar por «gente disposta a tudo», conseguem, assim, conquistar a confiança dos trabalhadores e organizam com eles grupos terroristas. Quando esses trabalhadores incautos possuem na sua mão as armas fornecidas pelos provocadores para servirem de prova na polícia, são presos. Um exemplo típico desta forma de provocação foi a posta em prática por Carlos Ferreira—o «Pinfor»—auxiliar dum agente de informações.

O TERRORISMO INDIVIDUAL É, POIS, UMA TÁTICA ABSOLUTAMENTE FALSA, INÚTIL E NOCIVA AO MOVIMENTO ANTI-FASCISTA. O TERRORISMO É UMA ARMA DA CONTRA-REVOLUÇÃO E DO FASCISMO.

POR ISSO O TERRORISMO INDIVIDUAL DEVE SER REPUDIADO PELO MOVIMENTO ANTI-FASCISTA.

(Do folheto a sair: «Objectivos e tática da Frente Popular»)

O socorro à Estação Polo Norte N.º 1

A Sociedade actual não sabe o que seja o interesse geral, ignora o seu conteúdo humano. Inutilmente para ela se lhe fala e ele é só por abuso da ideia de utilidade que lhe envolve, que não do facto social que traduz, porque para que este se desse era preciso que o operário, que o camponês, que o estudante, que o professor, que o soldado, que o funcionário estivessem ligados pelos laços do trabalho social e não houvesse por detrás deles uma classe diminuta de capitalistas gananciosos que lhes exploram o trabalho e lhes condiciona a existência, dividindo-os e opondo-os uns aos outros pelos contrastes da vida profissional de cada um.

Na URSS, onde os homens se encontram identificados pelo dever que a todos se impõe de trabalhar, e só do seu trabalho vivem, sem exploração do trabalho doutrem, é frequente assistir-se a exemplos de trabalho colectivo como o este que nos anuncia o jornal burguês: «Paris Soir» de 18 e 23.

«O mundo inteiro segue os episódios dramáticos do salvamento dos sábios russos. Os socorros não conseguiram ainda alcançar a «ilha polar n.º 1» quebra-gelos «Yermak», do porto de Cronstadt foi enviado para aquecer paragens. GRAÇAS AOS ESFORÇOS DE TODA A POPULAÇÃO DA CIDADE E O ABASTECIMENTO DO BARCO EM CARVÃO, CUJO CARREGAMENTO LEVA NORMALMENTE UMA SEMANA A FAZER-SE, LEVOU AGORA APENAS UM DIA»

Este exemplo é tanto mais para admirar que o motivo que o originou é o auxílio, o socorro aos sábios e heróis da Ilha Polar n.º 1 que ao serviço da ciência e da humanidade se isolaram do Mundo civilizado para frigidíssimas regiões dos polos, com sacrifício da própria vida, realizarem os seus trabalhos científicos, pacíficos e construtivos.

O fascismo italiano, alemão e japonês que deporta e mata os seus homens de ciência, ou então os encerra em laboratórios de morte, onde vão engendrando os mais nocivos e mortíferos aparelhos que há-de destruir a independência sagrada das pequenas nações (Espanha, China e Abissínia) e semear na Europa uma atmosfera de guerra, única explicação que o fascismo é capaz de arranjar para os seus crimes, suas mentiras e seus roubos.

«Há muitas nações que, desprezando os direitos adquiridos por pequenos países que, à custa de grandes sacrifícios monetários e da ciência dos seus navegadores, conseguiram ter vastos territórios coloniais, querem a todo o custo usurpar-lhos das terras a que têm direitos indiscentíveis.

Se estas potências não têm matérias primas em abundância, compreendem-as às pequenas nações, que tantos e tão pesados sacrifícios têm feito para manter a integridade dos seus territórios coloniais.» — (STALINE)



Acções da S.D.N.

As primeiras declarações fúnebres da instituição de Genebra, foram pronunciadas em Londres pelo chefe do governo de sua Magestade. Foi de acordo com o senhor Chamberlain que Lord Halifax preconizou em Berchtesgaden uma reforma do pacto que arrasta a supressão do artigo 16º.

Até agora julgou-se de boa tática, quando a Sociedade das Nações era atacada, representar-se o papel de vencedor e afirmando por meio das palavras a sua dedicação à constituição de Genebra, esforçar-se simultaneamente por conceder as máximas satisfações aos seus detractores. A causa da Sociedade das Nações ficaria perdida se se seguisse uma vez mais esta tática. Os povos não têm necessidade de uma Sociedade das Nações que seja uma academia diplomática internacional.

Uma tal instituição seria mais nociva do que útil porque ela alimentaria uma ilusão de segurança exactamente quando a segurança real não existia. Uma associação, mesmo limitada, de potências decididas a respeitar as regras da solidariedade internacional, seria muito mais poderosa do que uma sociedade universal, cuja moral não contivesse obrigações nem sanções. Os dirigentes franceses e britânicos disseram repetidamente que não queriam ver a Europa devida em blocos ideológicos.

Esta afirmação, repetida em todos os tons, não deu resultado algum; mais exactamente: o único resultado por ela até agora obtido foi que o bloco fascista se constituiu. Com o pretexto do anti-comunismo, este, que esconde a sua política de conquista; e com o pretexto de não organizarem cruzada alguma, as potências pacíficas não souberam coordenar a sua resistência. O lema aná de cruzadas tornou-se sinónimo de «fazer o que vos apeteça».

—A Sociedade das Nações foi desembaraçada do conflito espanhol e do conflito do Extremo Oriente. Em cada vez se praticou «diplomacia fora do pacto» formulou-se como desculpa o seguinte argumento: a Sociedade das Nações não resistiria a uma experiência tão rude. Pouquando-lha prestamos-lhe um grande serviço. O melhor meio de bem servir a Sociedade das Nações é o de eliminá-la a pouco e pouco da vida internacional. A Sociedade das Nações só será verdadeiramente forte quando se não ocupar dos problemas políticos que estão na ordem do dia, só será verdadeiramente forte no dia em que se ocupar de higiene e de luta contra as publicações obscenas sem se preocupar com a guerra ou com as ameaças de guerra.

Pode julgar-se, agora, a eficácia da tática.

E' esta Sociedade das Nações mais forte porque se lhe poupam os tranças? De modo nenhum. Ela tornou-se mais fraca. FOI NA MEDIDA EM QUE A ELIMINARAM DA POLÍTICA INTERNACIONAL ACTIVA QUE OS GOVERNOS DELA FORAM AFASTADOS.

Que nação, vítima duma agressão, poderia, hoje, submeter confiança, documentos das suas razões a uma Sociedade das Nações cujos membros, voluntariamente, proclamaram a sua desconfiança.

SEMANA INTERNACIONAL

A Política Francesa, a Independência da Austria e a Questão Inglesa

O grande acontecimento da semana foi o debate no parlamento francês sobre política externa do governo. Apesar de todas as pressões das direitas e do exterior, o governo da Frente Popular francesa continua solidário com a sua política de paz, sendo a maior garantia, depois da grande União Soviética, que os povos pacíficos possuem, neste ambiente fascizante de guerra mundial.

O parlamento aprovou essa política, de respeito aos tratados e a S.D.N., por uma maioria esmagadora de 439 votos contra 2.

Estes resultados deram uma grande desilusão aos fascistas alemães, que julgavam, que as ameaças de Hitler no discurso do dia 20 de Fevereiro, na Ópera Kroll, tinham intimidado o mundo inteiro.

A influência deste debate e das afirmações nele feitas, veio aliviar um pouco a atmosfera em que se vive na Europa, e devolver um pouco da confiança perdida. O fascismo alemão ficou sabendo que a França não se deixa assustar pelas suas farroncas.

Contudo, é a questão austríaca que continua na ordem do dia. O discurso de Schuschnigg de 24 de Fevereiro, era esperado com uma compreensível ansiedade. Especialmente na Alemanha, esperavam que ele declararia a submissão inteira a Hitler. A decepção e até a hostilidade foi patenteadas na imprensa alemã, por ele ter declarado que defenderia, com toda a energia, a liberdade e a independência da Austria.

Os alemães sopunham, por terem introduzido no seio do governo austríaco o «Cavalo de Troia», como ministro do interior, que oculta ou representa todo o exército alemão, tinham a partida ganha. Esqueceram-se que não se rouba uma nação como se rouba uma carteira. A reacção de todo o povo austríaco, não deixa dúvidas a esse respeito. O operariado austríaco, acaba de dar uma lição a todo o mundo.

Apesar das greves serem severamente punidas, como em Portugal, elas rebentaram por toda a parte com uma violência tal, que não deixaram dúvidas a ninguém que o proletariado austríaco estava disposto a bater-se até à morte, para defender a independência do seu país.

Os camponeses também acabam de se manifestar, dispostos a tudo sacrificar para defender a independência do seu país. A mobilização geral da Austria, num impulso viril e inesperado de um povo que vive há bastantes anos debaixo da pata férrea dum regime opressor, deve servir de aviso aos fascistas traidores do nosso país e pô-los de sobreaviso. O povo português, cioso como o povo austríaco da sua independência, também, no momento oportuno saberá reagir.

A situação inglesa, também começa a trazer algumas desilusões aos Vascos Borgos do mundo fascista. Sopunham eles que Chamberlain cairia nos braços de Mussolini, fazendo-lhe todas as vontades. Esqueceram-se que na Inglaterra existe uma coisa que se chama «opinião pública» que tem LIBERDADE de se manifestar. A pressão que esta opinião tem exercido através dos jornais, comícios, manifestos, manifestações monstras (uma delas feita nos próprios corredores da Câmara dos Comuns, representava 180 organizações e instituições), toda essa pressão levou o governo a declarar já, que o começo das negociações com a Itália, seria a parte mais delicada de toda a questão; a retirada do exército italiano de Espanha. Chamberlain não está disposto a abandonar a política de colaboração com as democracias, pelos fracassos aliados que seriam as nações fascistas.

Parece-nos, pois, que o esterismo de Vasco Borges se precipitou, escrevendo — a respeito de Chamberlain — um artigo intitulado: «Atitude corajosa».

A GUERRA NA ESPANHA

A actividade nas várias frentes é quasi nula. O anunciado avanço dos fascistas na Frente de Aragão foi sustido.

Uma revista alemã, especializada em assuntos militares, apreciando os últimos acontecimentos da Frente de Aragão, dizia resumidamente o seguinte: «Apesar da reconquista de Teruel, os resultados positivos da batalha continuam a pertencer aos republicanos. Inutilizaram a ofensiva preparada pelos nacionalistas há muitos meses, causando-lhes um enorme desgaste, e depois de tudo, continuam com a frente que tinham em Dezembro.»

E que a «vitória de Teruel» é simplesmente uma vitória da aviação alemã. Foram os 400 aviões alemães e pilotados por aviadores alemães, foram os tanques e toda a avalanche de material de guerra que o fascismo internacional para ali enviou, a maior parte dele através de Portugal, foi isso e só isso que lhes restituiu Teruel. Mas restituiu-lhes apenas as ruínas e as casas. A retirada do exército espanhol, feita estrategicamente e obedecendo às mais perfeitas leis militares fez com que não se perdesse nenhum material e demonstrou mais uma vez que a Espanha possui um verdadeiro exército.

Lá como cá...

Na Romania, o Rei Carol, resolveu dentro da sua «magnânima bondade» dar uma constituição ao seu povo, tal e qual como Salazar fez em Portugal. Para lhe dar foros de legalidade, convocou um plebiscito, em que o povo se manifestaria, votando SIM ou NÃO.

Não chegou ao descaramento de fazer votar os mortos e todos os ausentes, mas o sistema não deixa de ser semelhante.

Todos os cidadãos foram OBRIGADOS a recensear-se. E as eleições foram públicas, isto é, no dia das eleições era feita a chamada dos eleitores, que tinham que declarar em voz alta, o «sim» ou «não» perante as autoridades, voto esse que ficava registado nos cadernos.

Nós já sabemos, por experiência do que vai cá por casa, o que custa o «não». Pois apesar disso, a constituição foi votada por 88% dos eleitores!

Quere dizer: há na Romania 12% de heróis entre a população com direito ao voto!

Espionagem fascista

A existência (recentemente descoberta) de espíões alemães nos Estados Unidos da América do Norte e das suas ligações com uma organização idêntica na Checoslováquia é mais um facto seguramente indicador das intenções guerreiras do fascismo o qual não deve surpreender, tão manifestas estas intenções já se tornaram. E' um aspecto do ataque do imperialismo fascista, sófrego de domínio, que do mesmo modo já se manifestara na URSS — e, no ano passado, aí ficou utilmente desmascarado e punido com espanto geral — e que de modo diverso se manifesta noutros países; o nosso entre estes. Aqui, porém, tal descoberta seria incoacebível: porque em Portugal não há espionagem de estrangeiros, há a traição dos governantes. E esta traição chegou já ao ponto de ficarem confiadas a brigadas italianas e alemãs da Gestapo, a questão da «vigilância e defesa do Estado português».

A ALIANÇA luso-britânica

Chegou no sábado a Lisboa, com demora de alguns dias, uma flotilha da Armada Inglesa, constituída por dois submarinos e por um navio mãe.

No dia 6 chega ao Tejo uma divisão naval italiana, que vem ao nosso porto descansar da faina de pirataria, que tem exercido no Mediterrâneo.

O governo português organizou um programa de recepção comum às duas guarnições, como já misturara a Home Fleet, na sua primeira visita, à esquadra alemã.

Salazar, sem romper com a Inglaterra, não quer prestar-lhe homenagens especiais.

Eden tinha razão: os fascistas precisam de uma punição severa para tomar juízo.

quando da agressão italo-alemã e quando da agressão japonesa?

E' no poder da corrente popular, e só nele, que residem as únicas possibilidades de salvação de instituição de Genebra.